

Este texto está sujeito à seguinte licença:
Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela
mesma Licença 2.5 Portugal Commons
Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e
Pedro Carreira para o texto original de cena e Ana Vitorino para a adaptação a
conto.
Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não
comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar
eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

“Qual é coisa, qual é sombra?”

Em tempos nasceu uma terra, como todas as terras nascem... do nada. Não existia nada, nem homens, nem bichos, nem lua, nem sol, nem céu, nem chão. Só existia o escuro nesta terra sem nada, só buracos e trevas. Mas um dia a luz atingiu essa terra e a vida começou a crescer. No princípio só havia o céu e o mar, mas depois vieram os pássaros, os peixes e as montanhas, a terra, as árvores, os animais da floresta, os rios e os Homens.

E nessa terra que nasceu começaram a viver pessoas com profissões muito diferentes e feitos muitos diferentes.

Havia um inventor que inventava jogos e gostava de jogar os jogos que inventava e que até inventou uma escola pequenina onde ensinava os outros a inventar.

Havia uma doceira que tirava dos livros de receitas bombons de chocolate, chupas de chocolate, gelatinas de chocolate, doces de chocolate, mousse de chocolate e bolos de chocolate para todas as festas... mas o seu doce preferido era mesmo... o chocolate.

Havia três irmãs vaidosas que cantavam e dançavam e não faziam mais nada e sonhavam ser princesas e cusavam e segredavam... nunca se separavam, mas às vezes discutiam.

Havia uma estudiosa inteligente mas arrogante que estragava as costas a arrastar uma mala gigante com livros de todas as línguas do mundo

Havia dois arquitectos que eram sócios e não se cansavam de trabalhar. Um desenhava, o outro media, e juntos faziam tudo o que por lá se construía... casas grandes e casas pequenas e até os objectos estranhos que o inventor se lembrava de inventar.

Havia uma arqueóloga que tinha vindo de uma terra distante à procura de coisas antigas que guardava numa caixa para um dia mostrar aos outros. Era muito corajosa e nunca se assustava.... mas às vezes distraía-se... a olhar para pássaros bonitos.

Havia uma advogada muito estressada que não cobrava nada e era muito atarefada. Onde quer que estivesse estava a falar ao telemóvel, e assim que o desligava ele voltava a tocar... e tocava... e tocava...

Havia dois gémeos caçadores de pirilampos que não eram lá muito parecidos e que nunca caçavam pirilampos, porque os pirilampos dormem de dia e voam à noite e os gémeos caçavam de dia e dormiam à noite. Eram um bocadinho... distraídos!

Havia um artista que pintava quadrados, rectângulos e círculos em todos os tons de azul que existiam, e até nalguns tons que só existiam naquela terra porque tinham sido descobertos por ele, quando todos já achavam que já havia azuis que chegassem.

E havia ainda um jornalista que viajava e contava o que se passava. Trazia grandes notícias lá de fora...

- Trago grandes notícias lá de fora! - gritava ele sempre que chegava, e assim chamava a atenção de todos que vinham a correr ouvi-lo... até nos dias em que não havia notícias para contar.

- A Feiticeira... - anunciava ele às vezes, provocando grande alarme em todos os outros. - ...continua no mesmo sítio.

E todos suspiravam de alívio, desejando que dali não viessem quaisquer notícias.

Ah, pois!... nesta terra existia também a Feiticeira, que não vivia junto dos habitantes, mas sim na sua casa escura no cimo de um monte... Quem era ela? O que é que fazia? Ninguém sabia... Só se sabia que tinha um aspecto muito estranho e apesar de nunca se ter ouvido falar de alguma maldade que ela tivesse feito, todos os habitantes da terra tinham medo de a encontrar...

Mas com a Feiticeira à distância e ocupados nos seus trabalhos, todos viviam em paz e harmonia.

Até ao dia em que um estranho acontecimento veio mudar para sempre a vida nesta calma terra. E tudo começou com um pequeno engano...

A advogada saiu de manhã para ir trabalhar, como de costume, mas pareceu-lhe ver à distância uma nuvenzita escura e, pelo sim, pelo não, armou-se com o seu guarda-chuva.

O inventor, ao cruzar-se com ela na rua, cumprimentou-a alegremente, mas de repente viu a sombra do seu guarda-chuva e, confundindo-a com uma aranha, animal que ele detestava, e pior!, parecendo-lhe que era uma aranha gigante, atirou-se para o chão e começou a espernear com o medo.

Ora nesse momento as três vaidosas, que tinham ouvido os barulhos esquisitos do inventor mesmo à sua porta, saíram cá para fora ainda de lençol nas mãos pois estavam, como habitualmente, mesmo a meio do seu sono de beleza. Ao verem o inventor todo encolhido no chão e a espernear ficaram convencidas que se tratava de um bicho, uma espécie qualquer de animal selvagem que nunca tinham visto na vida! Assustadas cobriram-se com o lençol, mas como ficaram sem ver, não se podiam mexer e ficaram para ali paradas a tremer.

A arqueóloga, que vinha a pensar numa pedra antiga que tinha acabado de encontrar, passou pelas três irmãs, mas o que viu foi uma figura branca e enorme que era tal qual um terrível fantasma! Assustada, deitou a sua caixa ao chão.

Os caçadores de pirilampos que andavam como sempre a tentar caçar pirilampos ouviram o estrondo da caixa a cair no chão e apanharam um susto tão grande que deram um grito enorme.

E o grito deles acordou todos os que ainda estavam a dormir.... e, sem saberem bem porquê, todos se puseram a gritar de medo.

E era só um guarda-chuva....
Mas...

O guarda-chuva
Fez uma sombra
Que parecia uma aranha
E assustou o inventor

O inventor
Encolheu-se todo
E parecia um bicho
Que assustou as três vaidosas

As três vaidosas
Cobriram-se com o lençol
E pareciam um fantasma
Que assustou a arqueóloga

A arqueóloga
Deixou cair a sua caixa
E fez um grande estrondo
Que assustou os caçadores

Os caçadores
Começaram a gritar
E gritaram tão alto
Que assustaram todos!

E muito assustados voltaram todos para as suas casas. Nesse dia já ninguém foi trabalhar. Fechados em casa pensavam no susto que tinham apanhado e quanto mais pensavam mais assustados ficavam. O dia foi morrendo, mas o medo não.

Quando a noite caiu, todas as luzes de todas as casas se acenderam como de costume. E em todas as cortinas de todas as janelas começaram a aparecer as sombras de pessoas a mexer-se... a cozinhar, a limpar, a comer e a preparar-se para dormir.

Ora nessa altura o Artista saiu de casa para dar um passeio, pois às vezes gostava de ver as estrelas e a Lua para se inspirar. Mas mal deu os primeiros passos avistou todas aquelas sombras em movimento e, como ainda

não tinha recuperado do susto dessa manhã, desatou a gritar e voltou a correr para casa.

E mais uma vez os gritos vieram provocar o pânico de toda a gente. Todos, um a um, vinham à vez espreitar à porta das suas casas e todos, um a um, se assustavam ao ver as sombras dos outros.

Os gémeos, agarradinhos, gemiam baixinho... mas afinadinhos. Os arquitectos olhavam, olhavam e murmuravam: "Ai, que medo, ai que medo!". A estudiosa pedia ajuda em francês, chinês e finlandês. As três irmãs vaidosas davam gritinhos histéricos, uma a seguir à outra, a seguir à outra. A doceira tremia tanto que até lhe saltavam os bombons que trazia nos bolsos. O inventor encolhia-se todo e dizia "Chiça!" para não dizer nada pior. Só o jornalista, apesar de apavorado, lá conseguia ir escrevendo notas no seu bloco, para mais tarde poder fazer a reportagem.

O pânico era geral.

Agora todas as sombras lhes pareciam monstros gigantescos, ou outras coisas ainda que de tão assustadoras nem nome tinham. E o pensamento que girava naquelas cabeças era um só: com estas sombras todas à minha volta nunca mais vou ter sossego!

- Vai-te embora, oh sombra! - gritava o inventor.
- Metes medo ao susto! - afirmava a doceira.
- Vai-te sombra horrível! - mandavam as vaidosas
- E não voltes mais! - acrescentava a advogada.
- Vai sombra maldita! - diziam os arquitectos.
- Não te quero ver! - exclamavam os gémeos caçadores de pirilampos.
- Sai daqui para fora! - ordenava o artista.

O medo era tanto e tão insuportável que todos se queriam ver livre dele para poderem voltar às suas vidas. E todos estavam de acordo que a culpa de tanto medo era da sombra. Parecia claro que só havia uma coisa a fazer: Expulsar as sombras!

E foi então que, vinda não se sabe bem de onde, apareceu uma visita muito inesperada: a Feiticeira! E trazia um aviso muito especial...

- Acalmem os vossos temores! Apaziguem os vossos corações! - disse ela bem alto, assustando todos.

Mas ninguém parecia entender a linguagem da Feiticeira. Olhavam uns para os outros encolhendo os ombros, e perguntavam:

- Quê? Hum? O que é que ela disse?

Até que a Estudiosa, que tanto se gabava de falar todas as línguas do mundo, declarou muito decidida:

- Eu vou lá!

E, aproximando-se a medo da Feiticeira, perguntou:

- Que dizeis, Senhora?

- Acalmem os vossos temores! Apaziguem os vossos corações! - repetiu a Feiticeira - Aquilo que receiam são apenas vultos, retratos a negro da vossa própria existência.

E a Estudiosa, voltando-se para os outros, traduziu:

- Ela disse: Tenham calma! São só sombras.

- E cuidado com o que desejam... - continuou a Feiticeira - Nem sempre aquilo que se teme é na realidade mau. Se não há dia sem noite, nem Verão sem Inverno, as sombras que amaldiçoam terão também o seu inverso.

E, mais uma vez, a Estudiosa traduziu para os outros:

- Ela disse: Tenham cuidado! As sombras também têm coisas boas.

E quando se virou de novo para continuar a ouvir a Feiticeira, esta já tinha desaparecido sem ninguém perceber como.

Mas do aviso da feiticeira ninguém quis saber. O medo das sombras era maior que tudo o resto - nem os deixava pensar - e, todos juntos, decidiram expulsar a sombra para bem longe e para todo o sempre!

Decididos, juntaram-se numa roda muito apertada e começaram baixinho a enxotar a sombra, com ameaças e insultos. E aquelas palavras foram ganhando força e deram-lhes coragem, era como se se tivessem transformado em praga, de tal modo que em breve todos cantavam em conjunto:

Vai-te embora, oh sombra
Metes medo ao susto
Vai-te sombra horrível
E não voltes mais
Vai sombra maldita
Não te quero ver
Sai daqui para fora
E não voltes mais

E a sombra foi! Mas a luz também...

De um momento para o outro, a escuridão caiu sobre aquela terra e todos deram um grito de susto. É que, de repente, tinham deixado de ver fosse o que fosse! E assim que se tentaram mexer, deram logo um grande encontrão uns nos outros, e mais uma vez todos deram um grande grito... mas agora era de dor!

Passaram muito tempo ali, aos encontrões, até que chegaram à conclusão que o melhor era andarem muito agarradinhos e tentarem, todos juntos, descobrirem para que lado ficavam as suas casas. Passinho a passinho, e todos de mãos dadas, lá foram descobrindo uma casa, e depois outra, e depois outra. Até que no fim ficaram as três vaidosas que, muito hesitantes, lá descobriram também a sua casa. Mas mal tinham acabado de entrar quando uma delas berrou a plenos pulmões:

- Ai! Um homem!

E começaram todas aos berros, porque o artista, distraído, tinha vindo atrás delas e entrara por engano na sua casa. As três vaidosas, escandalizadas, deram-lhe um tal empurrão que o artista saiu a voar pela porta fora e aterrou no meio da rua. Teria ficado para ali perdido muito tempo, não fossem os gémeos, que moravam na casa mesmo ao lado da sua, terem gritado lá do fundo:

- É aqui, pintor!

E, com a ajuda da voz deles, ele lá se foi orientando.

No meio da grande confusão daquele mundo às escuras, finalmente encontraram as suas casas.

Mas todos matutavam naquilo que mais os preocupava agora: a escuridão. Já começavam a imaginar a confusão que seria viver para sempre no meio daquele escuro todo. Como é que iriam trabalhar, se nem conseguiam ver um palmo à frente do nariz? E como é que se iriam ver uns aos outros? Era preciso encontrar maneira de fazer voltar a luz!

Passaram toda a noite a pensar nisto, cada um em sua casa. Quando o dia nasceu, naquela terra continuava a ser noite, ou pior que noite, pois nem a Lua nem as estrelas davam uma luzinha...

Foi então que o jornalista saiu de casa aos berros, muito satisfeito, pois tinha acabado de encontrar a solução:

- Vou denunciar esta situação na imprensa internacional!

... mas sem luz nem sequer conseguiu escrever a notícia. E ficou para ali sentado, muito desapontado!

Logo de seguida saiu a advogada que, muito decidida, disse:

- Eu vou fazer queixa de alguém. É que vou mesmo! - e pôs-se a olhar em volta enquanto pensava - Ora bem... o tribunal fica para ali... não... para ali!

... mas mal tentou andar, chocou com uma árvore, e a queda foi tal que decidiu não se mexer mais e ficar ali sentadinha!

A doceira, muito orgulhosa, apareceu então com um monte de doces nas mãos e anunciou:

- Fiz um chupa-chupa em forma de sol para cada casa! - e começou a distribuí-los pelos outros.

... mas os chupas nem chegaram a brilhar porque foram logo comidos.

- Se é assim, também como o meu! - disse ela, encolhendo os ombros, e sentou-se por ali a comer.

Vieram depois os arquitectos, carregados de rolos de papel e fitas métricas, com um plano infalível:

- Vamos desenhar uma torre muito alta para chegar ao céu e ver o que se passa com o sol. - e começaram a medir a distância que ia do chão ao céu.

... mas isso era obra para muitos e muitos anos... e não havia régua que chegasse! Cedo ficaram cansados e sentaram-se junto dos outros.

O inventor também tinha tido uma das suas ideias brilhantes:

-Inventei uma vela gigante que vai substituir o sol! - e preparou-se para acender a vela, que era de facto muito grande. - Alguém tem fósforos?
... mas ninguém conseguiu encontrar fósforos, e ele lá se sentou também, agarrado à sua enorme invenção!

As três irmãs vaidosas é que não tinham pachorra nenhuma para pensar em soluções, e limitaram-se a sair de casa muito zangadas e a gritar em coro:
- Alguém que resolva esta situação! É que nem me consigo ver ao espelho!
... pudera!

A arqueóloga, que estava habituada a fazer explorações em sítios muito perigosos, declarou:
- Eu vou à procura da luz perdida. Tenho o meu mapa, a minha lanterna...
... mas assim que deu um passo tropeçou na doceira, que estava para ali sentada, e estatelou-se no chão!

Os gémeos caçadores de pirilampos quase que tinham a solução...
- Se já tivéssemos caçado algum pirilampo... - começou um deles.
- ... sempre dava uma luzinha. - concluiu o outro.
... mas de nada lhes valia a ideia, pois tinham as redes vazias.

A estudiosa, como sempre, procurava nos livros a solução para o problema, e depois de escolher um muito pesado, começou a tentar lê-lo e ia dizendo :
- Aposto que este livro tem a solução. Se eu conseguisse ler... - e olhava para as páginas, que pareciam feitas de carvão - O problema deve ser dos óculos!
... mas não, não era dos óculos!

O artista também tinha encontrado uma solução, e saindo de casa com uma enorme lata de tinta numa mão e um pincel na outra, informou:
- Vou pintar o céu de azul!
... mas, por mais que saltasse e saltasse, a única coisa que conseguia pintar era a sua própria roupa, pois a tinta não parava de pingar e de voltar para o chão quando ele tentava pô-la no céu.

Nada parecia resultar. E estavam todos cada vez mais tristes...

- Volta sombra amiga. - chamava o jornalista.

-Traz a luz contigo. - pedia a arqueóloga.

- Que eu não vejo nada. - queixavam-se as três vaidosas.
- Volta já para nós. - implorava a estudiosa.
- Volta sombra linda. - diziam os arquitectos.
- Já não metes medo. - garantiam os gémeos.
- Vem brincar comigo. - convidava o artista.

E quando tudo parecia perdido, eis que pela segunda vez a Feiticeira se aproximou deles, e sem ninguém dar conta ficou a olhá-los com pena.

- O remorso começa a dominar-vos. - disse ela suavemente.

Todos estremeceram ao ouvir aquela estranha voz, que ainda arrepiava mais no meio daquela escuridão. Mas de pronto a estudiosa levantou-se e preparou-se para traduzir.

- Não deram ouvidos ao meu aviso. - ralhou a Feiticeira.- Todas as coisas têm o seu inverso e o da sombra é a luz.

E a estudiosa traduziu para os outros:

- Ela disse: Bem vos avisei. A luz é o outro lado da sombra.
- Mas não desesperem! - continuou a Feiticeira - Unidos exorcizaram a sombra, é unidos que a poderão trazer de volta.

E mais uma vez a estudiosa traduziu:

- Ela disse: Se juntos conseguiram expulsar a sombra, juntos podem conseguir chamá-la.

E de novo a Feiticeira desapareceu sem ninguém perceber como.

Mas desta vez todos acharam melhor dar ouvidos aos seus conselhos! De um salto, todos se levantaram e mais uma vez se juntaram numa roda apertada a discutir o que haviam de fazer. E não demorou muito tempo até descobrirem a solução! Afinal, era tão simples... se tinham expulsado a

sombra unindo-se para lhe rogar uma praga, tinham que se unir agora para lhe fazer um pedido!

E juntos, primeiro a medo, depois cada vez com mais força, puseram-se a cantar em coro:

Volta sombra amiga
Traz a luz contigo
Que eu não vejo nada
Volta já p'ra nós
Volta sombra linda
Já não metes medo
Vem brincar comigo
Volta já p'ra nós!

E a sombra voltou! E a luz também...

Todos festejaram com gritos de alegria e, aliviados, olhavam em volta para as caras uns dos outros, para as casas, as árvores, as flores e o céu e todas as coisas que ainda há pouco não conseguiam ver.

Felizes, prepararam-se para voltar às suas vidas, com sombras e tudo! Porque afinal de contas...

- A sombra brinca o que a gente brinca. - dizia o inventor.
- Estamos distraídos, olhamos para o lado, e lá está ela! - dizia o jornalista.
- Se eu estiver bonita e ajeitada a sombra também está. - dizia a doceira.
- O que está na sombra é o nosso corpo. - dizia a arqueóloga.
- A sombra é como um espelho, só que em preto. - diziam as três vaidosas.
- Se eu falar a sombra repete o que eu estou a dizer. - dizia a estudiosa.
- A sombra é quentinha. - dizia um dos arquitectos, e o outro acrescentava
- Na sombra está o sol.
- A sombra é uma boa amiga. - dizia o artista.

- A sombra anda sempre atrás de nós. - dizia um dos gémeos caçadores de pirilampos para o outro. E logo o irmão concluía - Quando a sombra vai embora nós vamos atrás.

E já iam a entrar em casa, quando pararam para pensar...

-Não! - exclamaram os dois ao mesmo tempo, batendo com a palma da mão na testa - É ao contrário!

Assim, a vida naquela terra voltou pouco a pouco ao normal... e em breve até parecia que todos se tinham esquecido daquela história terrível da sombra e da luz e do susto que apanharam.

Até ao dia em que...

... a advogada saiu de manhã para ir trabalhar, como de costume, mas pareceu-lhe ver à distância uma nuvenzita escura e, pelo sim, pelo não, armou-se com o seu guarda-chuva.

Mas assim que o abriu ouviram-se gritos que vinham de todas as casas, pois todos os habitantes, ao ver aquele guarda-chuva, pensaram que ia começar tudo outra vez!

- É só um guarda-chuva! - exclamou a advogada, para os descansar. E antes que comessem com mais sustos disparatados, pôs-se a explicar, muito despachada - Quando a luz está em frente, a sombra está atrás. Quando a luz está à direita, a sombra está à esquerda. Quando a luz está à esquerda, a sombra está à direita. E quando a luz está atrás, a sombra está em frente. É isto a sombra!

E lá seguiu para o seu trabalho, deixando os outros um bocadinho baralhados... mas muito mais aliviados!

Esta foi a história de uma terra que, como todas as outras terras, era apenas um sítio escuro que começou a viver quando recebeu luz. E de um povo que vivia em harmonia até ao dia em que descobriu o medo e começou a ver monstros onde apenas existiam sombras. Um povo que acabou por aprender que as sombras, como a vida, nascem da Luz, e que o claro e o escuro, o que parece bom e o que parece mau, são dois lados inseparáveis da vida. Para viver é preciso aceitar os dois. E aprender a espantar o susto.

FIM